

TRAJETÓRIAS DE MULHERES NEGRAS NO NORDESTE PAULISTA: ALGUNS APONTAMENTOS

TRAJECTORIES OF BLACK WOMEN ON THE NORTEAST OF SÃO PAULO: SOME NOTES

Sérgio Luiz de SOUZA

UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara – SP – Brasil. 14800-901- srgioluz@yahoo.com.br

Elisângela de Jesus SANTOS

Doutoranda em Sociologia. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – lili.libelula@gmail.com

RESUMO: Neste artigo procuramos apontar algumas considerações teórico-metodológicas e alguns resultados obtidos acerca de nosso estudo sobre as práticas sócio-culturais e os caminhos de superação da marginalização social e da opressão encontrados pelas populações negras no nordeste paulista, particularmente na cidade de Ribeirão Preto entre as décadas de 1910 e 1950. Nesta direção, procuramos realçar as falas que expressam as trajetórias das mulheres negras neste processo.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras. Marginalização. Nordeste Paulista. Relatos orais.

ABSTRACT: *In this paper we seek to point out some theoretical-methodological considerations and some results achieved by our research on the socio-cultural practices and the ways to overcome social marginalization and oppression found by the black communities of the northeast of São Paulo state, particularly at Ribeirão Preto city between the decades of 1910 and 1950. On this direction, we seek to highlight the speeches that express the trajectories of the black women on this process.*

KEYWORDS: *Black women. Marginalization. Northeast of São Paulo. Oral speeches.*

1 Introdução

Os estudos que destacam a realidade social desenvolvidos na conjuntura brasileira sempre se apresentam como desafio interessante. Para nós, este desafio implica na necessidade de superarmos perspectivas “insuficientes”, pautadas apenas na abordagem de aspectos econômicos e com um olhar voltado quase exclusivamente aos contatos e dicotomias entre classes sociais. Embora importantes essas perspectivas quase sempre não atentem para as múltiplas dimensões da dinâmica societária, não propondo diálogos entre as relações políticas, socioculturais e também as econômicas. Estas dimensões diversas a que nos referimos, são aquelas que estão para além e ao lado das questões de classe e são pertinentes aos contatos entre os grupos étnico-raciais e às questões de gênero.

Desta maneira, entendemos que estudos fundamentados apenas na ótica das classes sociais, embora tragam aspectos relevantes das condições de vida e da exploração econômica das populações brasileiras terminam por reafirmar tanto a superficialidade das interpretações quanto a invisibilidade social de grupos humanos.

Na abordagem do processo sócio-histórico, pesquisas pautadas fundamentalmente pela divisão absoluta entre os âmbitos que compõem o social (o político, o econômico e o cultural) sem considerar as interconexões existentes entre eles, instituíram interpretações acerca das relações de poder e da dinâmica social brasileira, principalmente ao tratarem da constituição da República e do trabalho livre, apontando para as deficiências das populações negras como fatores determinantes da marginalização social e dos prejuízos daí resultantes.

2 Leituras dicotômicas e reafirmação de estigmas: superações necessárias.

Um autor que se coloca nesta perspectiva é Caio Prado Júnior. Para ele, a população negra, por ter provindo de regiões “atrasadas” do continente africano, teria certa incapacidade para o trabalho modernizante (PRADO JÚNIOR, 1987). Outro exemplo de interpretação é aquela realizada por Celso Furtado (1970), com base no reforço de estereótipos em relação à população negra, perdendo de vista aspectos mais dinâmicos do contexto sócio-histórico, sem abarcar a amplitude das relações étnico-raciais e das culturas das populações afrobrasileiras. Em seu estudo sobre a constituição do capitalismo brasileiro,

o autor percebe os negros como indolentes, posto que seriam “totalmente desaparelhados para responder a estímulos econômicos” e sem os atributos civilizatórios necessários para a ordem capitalista:

Quase não possuindo hábitos de vida familiar, a ideia de acumulação de riqueza é praticamente estranha. Demais, seu rudimentar desenvolvimento mental limita extremamente suas “necessidades”, cabendo-lhe um papel puramente passivo nas transformações econômicas do país (FURTADO, 1970 apud THEODORO, 2008, p.31).

Além de apresentar um desconhecimento das condições socioculturais de diversidade e riqueza da diáspora africana e da história dos afrobrasileiros, estas perspectivas teóricas colocam-se por um viés que impede a percepção das interconexões entre variados fatores que presidem a lógica da dinâmica social brasileira, principalmente no que concerne ao entendimento das relações étnico-raciais e dos processos identitários.

Um primeiro ponto a ressaltar em nossa perspectiva, refere-se à marginalização econômica promovida pelas políticas governamentais e pela disseminação de concepções racistas que afastavam os negros das oportunidades de inserção no mercado de trabalho. Neste mesmo aspecto, é necessário considerar que, pelo menos até o final do século XIX, a população negra atuou em todos os campos de atividade econômica e artística nacional (LUZ, 2000).

Um segundo aspecto a ser considerado refere-se à capacidade política das diversas formas de organização promovidas pelas populações negras que demonstram um caráter ativo e com dimensões políticas importantes expressas pelo fortalecimento de vínculos de sociabilidade, superação de estigmas racistas e pela construção de caminhos de inserção sócio-política e econômica. Esses movimentos estão muito distantes de posturas submissas e/ou passivas comumente atribuídas a(os) afrobrasileiras(os) em diferentes estudos.

Outros autores como Fernandes (1978), Cardoso (2000) e Ianni (1987), interpretam as desigualdades e demais aspectos das relações étnico-raciais existentes no contexto republicano como resultado do descompasso entre avanço das forças produtivas e do regime político democrático em relação a aspectos culturais, como a permanência de uma mentalidade discriminatória, enquanto uma sobrevivência do passado escravista incoerente com a moderna sociedade de classes e a ordem social igualitária suscitada pelo trabalho livre e pela República.

Com esta concepção buscamos um corpo teórico-metodológico que problematize as relações sócio-étnico-raciais, a história e a memória de populações negras no nordeste paulista ao longo do século XX.

Em nossa trajetória metodológica nos diferenciamos de leituras dicotômicas, produzidas pelas ciências humanas desde o século XIX, fundamentadas em uma história linear, universal e progressiva e que têm forte influência na sociedade e no pensamento acadêmico atuais. Essas mesmas noções tratam da relação entre as culturas de modo hierarquizado e em torno de padrões societários e identitários excludentes da maioria. Concepções desta natureza produzem interpretações que além de gerar leituras míopes acerca da realidade social e do processo histórico, estigmatizam povos e grupos sociais a partir da desqualificação de suas culturas, de suas memórias e de todo seu patrimônio histórico-cultural.

Para a realização da interpretação dos conteúdos trazidos pelos dados levantados em nossos estudos e pesquisas, destacaremos trechos de entrevistas, procurando uma perspectiva dialógica, saudada por uma relação epistemológica que recuse paradigmas impostos e determinismos que interferem na construção do “objeto” de estudo e na interpretação dos dados (MORIN, 1991).

Desta maneira e para a construção de nossas pesquisas, optamos por reconstruir o quadro de relações com recurso da história oral. Assim, realizamos o recolhimento de depoimentos de indivíduos que participaram das instituições e/ou conviveram em espaços sociais comuns aos grupos, por meio de entrevistas gravadas (QUEIROZ, 1998). Optamos por realizar entrevistas semi-estruturadas, pois, de acordo com nossos interesses de reconstruir redes de interações e pela realidade estudada composta de diversas instituições, tivemos a necessidade de efetuar-las a partir de um roteiro previamente definido embora contando com um conjunto de questões bastante flexíveis. Flexibilidade suficiente para abordarmos as vivências e a inserção própria de cada um dos sujeitos do estudo. Posteriormente, realizamos a transcrição e a interpretação dos conteúdos.

Ao invés de utilizarmos questionários que nos remeteriam a dados fragmentados e sujeitos a posicionamentos enviesados dos agentes, buscou-se trabalhar com as entrevistas por possibilitarem discursos mais integrais (OLIVEIRA, 1976). As entrevistas nos deram maior possibilidade de uma leitura multilinear surgida no discurso, mais próxima do contexto onde se dão as relações étnico-raciais e de gênero em que diversos aspectos do social

interconectam-se e, onde, a partir do cruzamento de dados, pudemos realizar nossas interpretações.

Quanto à escolha das pessoas entrevistadas e à definição dos conteúdos de cada entrevista, deixamos registradas algumas questões relevantes. Os sujeitos a serem entrevistados foram definidos com base em informações conseguidas acerca do contexto de atuação das organizações negras e da inserção de cada entrevistado(a) nas diferentes organizações e nos espaços de vida (bairros e/ou cidades), do período em que nasceu entre outros dados. As perguntas básicas foram: Onde nasceu? Qual a trajetória familiar? Qual a trajetória profissional? Como, quando e de quais organizações negras participou? Estabeleceu contatos com outras(os) negras(os) (da própria cidade ou de outras)? Como foram os contatos com outros grupos étnico-raciais (nacionais e imigrantes)?

Consideramos os relatos orais enquanto fontes que fornecem fragmentos do imaginário coletivo referente à participação dos sujeitos em redes sociais à maneira de Lévi-Strauss (1975) em “A eficácia simbólica”, onde este demonstra a relevância de um substrato cultural formado por representações coletivas que sustentam as crenças sociais a orientar as relações entre os grupos em uma dada rede de relações. Neste sentido, os dados apreendidos surgem no sentido de determinar a parte social do pensamento.

Tivemos a pretensão de interpretar os “pensamentos em comum” produzidos pelos indivíduos por meio de suas interações com outros em sociedade a partir de categorias engendradas pela vida social. Estamos a reconstruir trajetórias das populações negras tendo as informações geradas pela pesquisa como categorias do pensamento, fruto de representações essencialmente coletivas, traduzidas em “estados de coletividade” dependentes da maneira de como estiveram organizados e constituídos as formas socioculturais destas(es) afrobrasileiras(os), tão bem expressos por Émile Durkheim como “fruto da imensa cooperação da multidão de espíritos” (DURKHEIM, 1968, p.18-22). Neste sentido, as memórias são percebidas como expressão das representações, e estas últimas, não como “atos conscientes” individuais, mas enquanto produto da cooperação social que se estende no tempo e no espaço, onde ideias e sentimentos se associam em uma longa série de gerações que acumulam seu saber e sua experiência (DURKHEIM, 1968) o substrato do patrimônio histórico-cultural que constitui a memória.

Nesta perspectiva, nos preocupamos com a importância das narrativas históricas como sustentação das identidades e de modo a contemplar a

necessidade que os grupos têm de recuperar e reescrever a história. Atentamos ainda para as condições em que se realizam as negociações sociais para verificar as diversas narrativas em uma realidade pluricultural, como constitui o nordeste paulista. Procuramos ressaltar o dinamismo dos processos configurados por estratégias e iniciativas que emergem no interior das relações de poder. Em estudos sobre produção da identidade e da diferença, a disputa pela identidade implica na disputa por recursos simbólicos e materiais: “[...] a afirmação da identidade e a enunciação da diferença.” traduzem o desejo de diferentes grupos sociais de garantirem “[...] o acesso privilegiado aos bens sociais, em estreita conjunção com as relações de poder.” (SILVA, 2000, p.81).

3 A discriminação e suas resultantes: exclusão étnico-racial e de gênero

O conjunto de dados que conseguimos acessar trouxe à tona diferentes facetas das relações sócio-étnico-raciais e de gênero. Por um lado pudemos perceber as formas de racismo e marginalização social em sua complexidade, desde o estabelecimento de uma ordenação urbana excludente e etnocêntrica até as maneiras sutis de discriminação cotidiana na dimensão simbólica de definição de legitimidade e desvalorização social a organizarem a hierarquização entre populações negras e brancas.

Ribeirão Preto, cidade do interior do estado de São Paulo, entre o final do século XIX e meados do século XX configurou-se como um ambiente social basicamente constituído por três grupos sociais: uma pequena elite ligada aos negócios do café e congêneres, uma expressiva população branca, composta por elementos nacionais e descendentes de europeus que começavam a se destacar como comerciantes, pequenos industriais, no setor de serviços, enquanto a população negra buscava se estabelecer economicamente. Assim, o município era composto pelos “ricos, as classes médias e os negros” (PRATES, 1956, p.276). Prates, que era um cronista local que na década de 1950, assim denotava a situação de subalternidade imposta ao contingente negro nesta cidade, não por acaso tratado como sinônimo de classes baixas.

Os grupos hegemônicos na cidade de maneira análoga às elites nacionais, após a proclamação da República, passaram a coordenar reformas urbanas, suporte necessário à consolidação daquela sociedade e que a conduziria ao “caminho da civilização”, “trazendo a prosperidade” e a “grandeza” da nação

(CHALHOUB, 1996, p. 35). Estes mesmos grupos buscaram estabelecer um ordenamento societário para manter distante a população negra e favorecer sua “exclusão” de diversos locais, inclusive com posturas públicas de repúdio quando da subversão desta ordem. Como podemos ver em noticiários onde “as famílias da sociedade” repudiavam a “mistura de classes” e a “confusão notável” em espaços sociais como a igreja e o jardim público devido à “mistura da gente limpa” branca com “gente de baixas camadas”, os “pretos e mulatos” (MISTURA..., 1907).

Neste contexto excludente, o racismo e a marginalização expressavam-se sob diversas formas e em diferentes momentos. Muitas vezes, essas hostilidades ocorriam de maneira mais sutil, nos interstícios das relações cotidianas, por meio de declarações depreciativas:

Quando eu trabalhava no laboratório, uma colega falou para mim: “nossa Divina, **você é negra e não tem cheiro, né?**” Aí, eu falei pra ela: “negro não cheira. Limpa igual eu sou, tomada banho, não cheira. É falta de banho é que cheira, mas pele não cheira não”. (Dona Divina, 79 anos, grifo nosso).

Como partes integrantes do imaginário social, a estigmatização e a inferiorização dos descendentes de africanos eram reavivados cotidianamente, em especial quando se desejava afirmar a hierarquia e também mantê-los em seu lugar social, isto é, na esfera da subalternidade:

Quando eu era meninota (tinha 12, 13 anos) e eu trabalhava numa casa e tinha uma menina que não recordo o nome. Então, ela cantava, aí nós duas cantava muito bem e ela disse pra mim: “Divina, vamos ensaiar pra gente cantar no Altar” (cantarola a música) e a gente cantava muito nós duas. Ela era cantora e eu tinha a voz muito boa. Quando chegou mais ou menos no dia, eu tava muito animada, só lembro quando falaram assim: “**imagina a nega cantar lá no altar!**” Cheguei em casa contei pra minha mãe e ela disse assim: “é bom, quem mandou você se meter!?” (Dona Divina, 79 anos, grifo nosso).

Um contexto permeado pelo racismo onde mulheres negras eram, em grande parte das vezes, o pilar de sustento das famílias:

A minha mãe lavava roupa na Vila Moreira. A mãe lavava roupa para poder ajudar, porque a família era grande. E tinha a irmã mais velha, que ajudava

que trabalhava de arrumadeira no centro lá da cidade, porque a situação era braba mesmo, nossa mãe! (Seu Francisco, 81 anos).

Muitas famílias, além de casas pequenas, conviviam com a realidade das habitações coletivas e saneamento básico precário:

Eu morava na coloninha. Tinha a fábrica de enxada, que era tipo cortiço. Na coloninha, o quintal era comum: um tanque só para os pretos e um tanque pros brancos, uma privada para todo mundo... Cada porta ali na enxada era uma família, era uma privada de buraco só pra todo mundo. Tinha a máquina de café em frente, na coloninha, tinha a minha mãe, a mãe dela. Eu morei lá até ficar moça. (Dona Cecília, 64 anos).

As casas quase sempre pequenas, a renda insuficiente, e as necessidades muitas; entretanto, muitos desejos e sonhos foram suficientemente grandes para produzir ações ainda vivas na memória de nossas depoentes:

Você vê menino, antes de ir pra escola, eu passava roupa pras senhoras, eu lavava quintal. Às vezes, quando via um sapato ou uma coisa bonita que a gente queria nas vitrines das lojas, trabalhava dois meses, passava dois meses lavando quintal, passando roupa, pra poder juntar um dinheirinho e comprar aquela coisa que tinha visto um sapato, uma roupa. (Dona Lourdes, 77 anos).

Para muitos que experienciavam um contexto de pés no chão, casas pequenas, falta de alimento e outras formas de privações, além de recorrer à criatividade e ao fortalecimento dos laços de solidariedade era necessário buscar todas as formas de auxílio disponíveis, como a sopa que era servida “em frente ao teatro Pedro II”, conforme nos relatou uma de nossas depoentes:

A gente ia pegar sopa (dava sopa no prédio ali em frente do Dom Pedro II) porque faltava as coisas, em casa. Minha mãe era lavadeira, depois coitada. Depois não trabalhou mais. A gente foi crescendo, foi trabalhar, meu pai foi pra prefeitura na limpeza pública, melhorou muito, comia, vestia, bebia [...] (Dona Lourdes, 77 anos).

Em paralelo ao quadro geral de exclusão social, por outro lado, conseguimos entrar em contato com as histórias de vida e conseguimos acessar e interpretar as expressões culturais das populações negras em sua dimensão política de desconstrução do racismo e de reordenamento sócio-étnico-racial.

4 Interpretando a Historicidade da Ribeirão Negra

Procedemos com a reconstrução do quadro social marcado pela exclusão e opressão da parcela de afrobrasileiros para termos maior dimensão e melhor interpretarmos a relevância política e os significados das formas de sociabilidade construídas por este grupo. Deste modo, procuramos interpretar as realizações das organizações negras no nordeste paulista em seu devir, para além da perspectiva sócio-histórica e cultural hegemônica, buscamos perceber as maneiras pelas quais as populações negras criaram estratégias que lhes permitiram forjar suas territorialidades, criando e recriando suas culturas e suas identidades num processo dinâmico e ativo.

A cidade de Ribeirão Preto apresentou-se para os afrobrasileiros, pelo menos até a década de 1950, como um espaço hostil. Dentro deste contexto, como o contingente afrobrasileiro teria reinventado espaços e instituições para afirmar suas identidades e estabelecer formas de convivência que viabilizassem a expressão de sua cultura?

As análises de Mikhail Bakhtin sobre a capacidade transformadora das culturas populares durante a Idade Média europeia propiciou-nos reflexões que nos auxiliaram na caracterização do jogo das culturas negras no Brasil e na cidade de Ribeirão Preto, principalmente quanto a apreciação das relações entre a cultura de segmentos oprimidos e a “cultura oficial” dos grupos hegemônicos.

Neste âmbito, pensamos nas formas de ocupação pela parcela negra de lugares como a praça central da cidade, a Praça XV de Novembro, assim como em outros espaços, como produto da vitalidade das culturas negras no Brasil (SODRÉ, 1988), as quais, fundadas numa lógica espaço-temporal aberta ao jogo e à comunicação pluralista e, pela capacidade de dialogarem com as diferenças, conseguem inscrever seus territórios como espaços políticos. Reavivados pela memória de nossas entrevistadas:

Era Carnaval, qualquer festa era na Praça XV. [...] Na Praça XV tinha separação dos brancos com os pretos. Os negros não gostavam de se misturar com os brancos, então passeava na Praça XV, por ali, e os brancos do lado de lá. (risos) [...] Lá do lado deles os negro ia! Mas, se os brancos vinha, a gente olhava neles com o olho torto. Se a gente ia lá no meio deles, eles olhava na gente com o olho torto, então cada um do seu lado, preconceito né. (Dona Maria dos Santos, 88 anos).

Ao ocuparem, da forma que era possível, a praça e outros espaços, estas pessoas negras realizavam “um jogo livre e alegre com as coisas e os conceitos”, cuja finalidade é a “liberação da palavra e do gesto”, “da humilhação, da intimidação e interdição” características da “seriedade assustadora e inflexível da cultura oficial”. Jogo que torna o mundo “objeto de um conhecimento livre”, afastado do princípio hierárquico oficial, realizando uma conquista familiar do mundo. (BAKHTIN, 1999, p.333).

Convergentes com as concepções de Bakhtin (1999) os estudos de Sodré (1988), foram fundamentais em nossas interpretações. Este autor considera as estratégias construídas pelos negros para criarem e preservarem espaços na sociedade brasileira.

O autor evidencia a dimensão política e criativa do jogo das culturas negras no Brasil e a lógica dos territórios negros, enquanto espaços e instituições forjados em processos de reinterpretação e reinvenção.

Formas de organização em que a plasticidade simbólica característica dos sistemas culturais destas populações (SODRÉ, 1988), foi utilizada como um recurso para se refazer uma realidade fragmentada e também como autofundação de um grupo na diáspora, o que podemos perceber com os blocos de carnaval, por exemplo:

Nas ruas e em volta da Praça XV, em frente ao teatro Pedro II, em todo ponto ficava gente. Nós passávamos com as escolas de samba. Era muito bonito, éramos aplaudidos! Eu era a mascotinho da frente da escola, eu ia na frente, com uma sainha bem rodada. E a escola vinha pra trás, era uma beleza! Vinha aquela escola linda, maravilhosa, comprida. Nós tínhamos os clarins e aqueles cavalos lindos da força pública, que vinham fazendo parte, tanto que eles tocavam aquele clarim que era a coisa mais linda! (Dona Mercedes, 75 anos).

O jogo ocupa lugar central nas culturas dos descendentes de africanos que se disseminaram no território nacional brasileiro e está presente nos blocos e escolas de samba assim como nos bailes e outras formas culturais:

O desfile subia na General Osório, vinha na Duque, e finalizava na frente do Pedro II.. Ah! O povo ficava assistindo. Nossa, a rua enchia, ficava assistindo! Batia palma e a gente ficava contente, era bom o carnaval, antigamente. Depois, a gente ia pro salão, lá pra sociedade italiana onde a raça fazia os bailes, era muito bom. (Dona Maria do Rosário, 88 anos).

Entretanto, mais do que simples atividade descontraída, o ludismo descontraído da festa, apresenta também uma outra perspectiva relativa à consciência de si, em que viver e morrer, alegria e dor não estão radicalmente separados (SODRÉ, 1988), pois fazem parte de uma mesma força de engendramento, de um mesmo poder de realização:

Você vê, menino, antes de ir pra escola eu passava roupa pras senhoras, eu lavava quintal. Às vezes, quando via um sapato ou uma coisa bonita que a gente queria na vitrine das lojas, trabalhava dois meses, passava dois meses lavando quintal, passando roupa pra poder juntar um dinheirinho [...] A gente ia pegar sopa, dava sopa no prédio ali em frente do Pedro II, porque faltava as coisas em casa. Mas você vê, menino, lá no Pedro II eu fui pedir sopa pra se alimentar, e lá no Pedro II eu fui rainha. É bonito né?! É variado! (Dona Lourdes 77 anos).

Em suas práticas culturais, permeadas por linguagens com formas alegres, as populações negras ultrapassam as fronteiras estáticas entre as coisas e os fenômenos, instituídas pela concepção de mundo oficial e constroem um espelho, no qual a verdade hegemônica não se vê, pois ali estabelecem suas próprias verdades (BAKHTIN, 1999). Este é o “bonito” e “variado” captado por Dona Lourdes a respeito de sua trajetória de vida, que se insere nos processos culturais (SOUZA, 2007), nas vivências e na territorialidade estabelecida pelos descendentes de africanos em Ribeirão Preto, São Paulo.

REFERÊNCIAS

MISTURA de classes no Jardim Público. **Jornal A cidade**, Ribeirão Preto, 10 abr. 1907.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. 4. ed. Brasília: Hucitec, 1999.

CARDOSO, F. H. **Negros em Florianópolis**: relações sociais e econômicas. Florianópolis: Insular, 2000.

CHALHOUB, S. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. 5. ed. Paris: PUF, 1968.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

FURTADO, C. **A formação econômica do Brasil**. 10. ed. São Paulo: Ed. Cia. Nacional, 1970. (Coleção Biblioteca Universitária. Série 2ª. Ciências Sociais, v. 23)

IANNI, O. **Raças e classes sociais no Brasil**. 3. ed., rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEVY-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LUZ, M. A. de O. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2000.

MORIN, E. **O Método IV – As Ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização**. Portugal: Publicações Europa-América, 1991.

OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, etnia e estrutura social**: São Paulo: Pioneira, 1976.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**. 20. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRATES, P. da C. **Ribeirão Preto de outrora**. São Paulo: Gráfica José Ortiz Júnior, 1956.

QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível'. In: SIMSON, O. R. M. (Org.). **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice, 1998, p. 14 –43.

SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade: a formação social negro brasileira**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

SOUZA, S. L. de. **(Re)vivências negras: entre batuques, bailados e devoções-práticas culturais e territórios negros no interior paulista (1910-1950)**. Ribeirão Preto: Edição do Autor, 2007.

THEODORO, M (Org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008.